

Husserl e o reflexo da crise da Filosofia na crise da humanidade

Husserl and the reflection of the crisis of Philosophy in the crisis of humanity

Vanessa Furtado Fontana

<https://orcid.org/0000-0001-9027-9671> - E-mail: fontanessa@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo trata do problema da crise diagnosticado por Husserl como uma crise existencial do sentido da Filosofia e de sua tarefa perante as ciências em geral. A crise das ciências é resultado de uma crise mais profunda e existencial, a crise da Filosofia, que ao perder seu caráter universal e condutor, ao duvidar do seu poder reflexivo, questionador e racional (não pensado como na modernidade), tem por resultado ser deixada de lado. As ciências positivas e técnicas dominaram a contemporaneidade e assumiram as rédeas do conhecimento na condução da vida humana. As consequências do ceticismo da Filosofia para consigo mesma cria todo tipo de conhecimento, produz aberrações científicas e pseudociências. O distanciamento do caráter reflexivo, originário e universal da Filosofia para o conhecimento reflete e contribui para a recaída à barbárie, guerra e falta de orientação existencial da humanidade. Como solução Husserl propõe uma renovação na Filosofia, como será visto já no artigo da revista *Kaizo* de 1923, e posteriormente, propõe o renascimento da Filosofia na conferência *A crise da humanidade europeia e a Filosofia* de 1935 e também resgata a temática na obra que foi o seu testamento filosófico *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica* de 1936. A discussão da crise existencial da humanidade inicia-se antes dos textos mais conhecidos de Husserl sobre o tema, mostrar-se-á tais indicativos e algumas teses de comentadores com propósito de vincular os reflexos da crise da Filosofia num contexto maior de crise da humanidade.

Palavras-chave: Crise. Filosofia. Humanidade.

ABSTRACT

The present article deals with the problem of the crisis diagnosed by Husserl as an existential crisis of the meaning of Philosophy and its task before the sciences in general. The crisis of the sciences is the result of a deeper and existential crisis, the crisis of Philosophy, which, by losing its universal and guiding character, by doubting its reflective, questioning and rational power (not thought of as in modernity), has the result of being set aside. The positive and technical sciences dominated contemporaneity and assumed the reins of knowledge in the conduct of human life. The consequences of philosophy's skepticism towards itself create all kinds of knowledge, produce scientific aberrations and pseudosciences. The distance from the reflexive, original and universal character of Philosophy to knowledge reflects and contributes to the relapse to barbarism, war and lack of existential orientation of humanity. As a solution, Husserl proposes a renewal in Philosophy, as will be seen in the article in the *Kaizo* magazine of 1923, and later, he proposes the rebirth of Philosophy in the conference *The Crisis of European Humanity and Philosophy* of 1935 and also rescues the theme in the work that was his philosophical testament *The crisis of European sciences and transcendental phenomenology*. An introduction to the phenomenological philosophy of 1936. The discussion of the existential crisis of humanity begins before Husserl's best-known texts on the subject. Philosophy in a larger context of humanity's crisis.

Keywords: Crisis. Philosophy. Humanity.

Introdução

O interesse em repensar o texto *Krisis* de Husserl apresenta indicativos que vão muito além da simples preocupação momentânea de um passado próximo ou de um diagnóstico específico do início da contemporaneidade. O texto da *Krisis*, e todo diagnóstico de incerteza e declínio apontado por Husserl em sua fenomenologia, se torna hoje um ponto de discussão atual. O tema da crise ultrapassa qualquer tempo histórico ao apontar um problema persistente na existência. Uma indagação que sobrepõe as dicotomias entre ocidente e oriente, entre ciência e Filosofia, entre subjetividade e mundo. Uma pergunta que está além, que intriga e cativa, que nutre e fortalece. Tal questão é: qual o sentido da humanidade? A crise das ciências e da Filosofia revela a crise da própria humanidade. A crise existencial do humano para consigo mesmo, não só no aspecto individual, mas principalmente no intersubjetivo. Qual o sentido das relações humanas? É factível superar o "abismo da subjetividade do outro" como diz Sartre (1943, p. 418) e pensar a própria existência como pertencente ao já falido 'eu' moderno? A crise da humanidade, o desequilíbrio da dúvida, da incerteza e da descrença na comunidade humana para consigo mesma revela por si um caminho de investigação, a saber, a interdependência entre os sujeitos na vida humana. Mesmo que em *crise* nos vemos num todo, seria esse um prisma da crise ou uma tentativa de resposta à crise? A indicação husserliana da crise da humanidade através das ciências positivas mostra uma crise que ocorre de dentro do âmago ocidental da Filosofia. Por isso a preocupação de Husserl em, repensar ou fazer renascer o intuito grego de episteme filosófica. A crise das ciências é causada por uma "[...] inversão da apreciação geral a respeito das ciências [...]" (HUSSERL, 2008, p. 21), ou seja, as ciências e a humanidade em geral se deixaram levar pelo progresso das ciências positivas, e como diz Husserl essa

inversão: “[...] significou um virar as costas indiferente às questões que são decisivas para uma humanidade genuína.” (2008, p. 21).

O termo *Krísis* originário da língua grega revela-se etimologicamente como ação ou facultade de distinguir, ação de separar, ação de decidir ou escolher. (BAYLLE, p. 512). A crise da Europa é a crise da humanidade diante do ideal de ciência estabelecido desde o nascimento do tólos grego da Filosofia. Diante da crise é preciso escolher qual o sentido da humanidade em relação ao ideal de ciência, ou mais profundamente, se é possível ao humano em seu momento histórico contemporâneo aderir ao ideal da razão filosófica e escolher conduzir a marcha histórica atual à uma solução legítima e que incluía todos os aspectos da existência. A escolha por uma humanidade filosófica para a fenomenologia husserliana passa pelo objetivo de resgatar o mundo da vida (*Lebenswelt*), o mundo em sua origem e fundamento, para que através desse renovar o sentido filosófico dado pelo ocidente a humanidade possa resgatar a motivação da busca da verdade através da razão.

Husserl angaria um trágico legado da origem filosófica grega, a saber, a escolha pela razão. Como ele mesmo diz, nós enquanto filósofos genuínos: “[...] vivemos da verdade [...]” (HUSSERL, 2008, p. 33). A crise fenomenológica husserliana é uma crise existencial do filósofo perante o ideal racional da busca da verdade na episteme, ou seja, no limite o fenomenólogo só pode decidir por seguir o tólos da razão e da ciência. Coloca-se como questão o que seria essa razão e verdade filosófica, como pensar num sentido autêntico da humanidade diante de conceitos tradicionais e ‘superados’ pelas ciências positivas e a técnica? Devemos perseguir a razão e a verdade na ciência através da fenomenologia? Como seria estabelecida essa ciência universal e transcendental sem repetir os erros da modernidade?

A crise das ciências e da Filosofia do período contemporâneo não é tema limitado ao discurso histórico de Husserl, mas perpassa já as elucubrações do filósofo Nietzsche, que já na obra *Ecce Homo* se autointitula a própria crise, ou melhor, o anunciador da crise existencial da cultura, das ciências e da filosofia. Diz: “Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo — de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite.” (NIETZSCHE, 1995). Esta mesma citação é feita por Eugen Fink no seu texto *A filosofia de Nietzsche*, o que mostra a forte ligação dele com os rumos da crise na contemporaneidade.

Evidentemente, a crise das ciências é um diagnóstico tanto de Nietzsche quando de Husserl, a crise que ultrapassa o meramente técnico e científico e alcança a Filosofia e o próprio ideal de humanidade. Nisso concordam como bem explica Angela Bello em seu artigo sobre o tema da crise em Husserl. Ela diz: “os dois pensadores têm em comum a denúncia da crise” (BELLO, 1974, p. 333). A autora afirma que apesar desse ponto em comum, a solução da crise para os dois filósofos é bem distinta.

O fenomenólogo Rudolf Boehm também faz a aproximação de Nietzsche e Husserl no tema da crise e diz: “Tanto para Husserl, quanto para Nietzsche, o que está afinal de contas em jogo nesta crise é o ideal de filosofia Socrática-Platônica e o conhecimento herdado e renovado da era moderna pelo ocidente.” (BOEHM, 2013, p. 14). Independente das aproximações e distanciamentos entre Husserl e outros pensadores, a importância do tema da crise mostra-se ir além dos tempos, ultrapassa os limites da mera posição temporal ao tornar-se um problema mais profundo acerca da crise existencial humana, que foi plantada na Grécia e que rodeia todo grande pensador de tempos em tempos. Husserl não fica indiferente aos acontecimentos históricos, ao rumo das ciências positivas e como eles conduzem o processo histórico, e ainda mais, como a Filosofia se posiciona para dar uma resposta a essa crise.

Crise da humanidade e da Filosofia

O tema da crise na fenomenologia de Husserl é constantemente mais relacionado ao seu aspecto negativo por colocar em evidência a atuação das ciências positivas e tecnológicas na construção da cultura ocidental. A maioria dos comentadores acaba por centralizar a questão da crise no que as outras ciências (todas as ciências modernas) fizeram de errado quanto ao método e uso de suas tecnologias. Contudo, cabe resgatar o título original da conferência de Viena proferida em 1935, que diz: *A Filosofia na crise da humanidade europeia*, para enfatizar que a crise tem um caráter muito mais existencial, coletivo e filosófico do que somente discutir a cientificidade das ciências.

Conforme relato de Walter Biemel: "Husserl trabalhou sobre essa área de problema da crise entre 1934 até 1937"¹ (HUA VI, p. XIII). Em dezembro de 1953 Biemel escreve o prefácio para a husserliana VI intitulada *Die krisis der europäischen wissenschaften und die transcendente phänomenologie* publicado com esse título em 1954, ou seja, a tradução que temos hoje para o tema da crise, *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, título que oculta o conceito importante de filosofia da temática da crise das ciências, o que acarreta em uma desconexão e mesmo uma diminuição da importância dada por Husserl ao papel da Filosofia frente a formação das ciências no ocidente e sua tarefa fundacional.

Em carta à Ingarden citada por Walter Biemel, Husserl confessa que a experiência da conferência em Viena foi estranha, porque segundo ele estava com o texto inacabado diz: "Na verdade posso ir lá sem um manuscrito finalizado porque a decisão foi tomada tarde demais [...]" (HUA VI, 1976, p. XIII) e ainda comenta o sucesso da palestra em Viena mesmo com esse imprevisto. Detalhes a parte, deve-se enfatizar o conceito de Filosofia também como central no título da conferência de Viena: *A Filosofia e a crise da humanidade europeia*.

É importante ressaltar que a edição de Walter Biemel contém 4 partes, as partes I e II vão até o parágrafo 27, a parte III (§§ 28-72) é a mais questionada, pois conforme explica Pedro Alves na tradução portuguesa, não foi encontrado o original redigido em estenografia por Husserl, o texto que temos é cópia passada a limpo de Eugen Fink com acrescentos de Husserl (ALVES in HUSSERL, 2008, p. 9-10). Contudo, afirmar a veracidade e colaboração de Husserl na parte III é intuito de um artigo antigo de Bosset com título: *A common misunderstanding concerning Husserl's crisis text* de 1974, que destaca também o erro do inacabamento do texto *Krisis* tão destacado pelos comentadores. Diz: "É minha opinião que este é um equívoco e que a Parte III de *Krisis*, assim como as Partes I e II, foram concluídas por Husserl antes sua morte." (BOSSET, 1974, p. 21).

A relevância em citar este problema da originalidade do texto vem à tona justamente porque está entre os parágrafos da terceira parte temas de enorme relevância ao pensamento que compõe o tema da crise, além dos conceitos de *Lebenswelt*, ciências, *epoché* transcendental, eu originário, intersubjetividade, destaca-se a superioridade do conceito de Filosofia perante a história da ciência, o *Lebenswelt* não é apenas o mundo da vida em sua origem fenomenológica, mas também um problema filosófico universal e que remonta ao início da Filosofia ocidental. Diz Husserl: "Na procura por clareza, de repente nos tornamos conscientes da falta de fundamento de todo o nosso filosofar anterior em vista dos paradoxos emergentes. Como podemos realmente nos tornar filósofos agora?" (HUA VI, 1976, p. 134).

Esta citação representa a busca de sentido filosófico à questão do mundo, mundo esse que é cingido enigmaticamente e ingenuamente entre mundo objetivo *verdadeiro ou autên-*

¹ Hua VI, p. XIII. "Am problembereich der K R I S I S arbeitete Husserl von 1934 bis 1937".

*tico*² (*objektiv wahren*) e *Lebenswelt* (HUA VI, 1976, p. 134). Logo, cabe a Filosofia mostrar o fundamento do mundo num sentido completo, sem duplicar mundos, sem cindir e apresentar a fundamentação filosófica necessária que falta ao fazer científico, ou melhor, cabe a Filosofia e ao pensar, o intuito de responder ao que a ciência moderna, desmembrada de sua ciência mãe, não pode pensar, apontando e descrevendo que o mundo não é um enigma e sim, uma intuição de sentido da vida, do humano e do fazer em todas as duas dimensões.

A grande crítica de Husserl às ciências modernas, ao período histórico moderno, é antes uma crítica a falta de orientação filosófica da humanidade a partir do distanciamento com a Filosofia em sua raiz. O sujeito moderno científico e tecnológico deixou de lado a face humana de sua vida, deixou de lado o que lhe é próprio como ser humano, seu caráter existencial, pensativo e inovador. Por esse caminho analisa-se qual a solução dada por Husserl à crise do sujeito moderno ocidental, dessa subjetividade que se tornou “[...] alienada de si mesma.” (GURWITSCH, 1956, p. 382). A resposta está na filosofia e não na ciência, para entender como a humanidade se conduziu ao pensamento objetivo, positivista e acrítico de sua existencial como um todo, deve-se pensar como essa humanidade se desvinculou do ideal filosófico originário.

Husserl diz ser o dilema do sujeito moderno a crença em demasia na especialização das ciências, perdendo o caráter ético, reflexivo e existencial da vida. A humanidade se afastou da ideia original de Filosofia, ou seja, da ideia de si mesma:

Essa ideia não é outra senão a ideia da própria filosofia: a ideia de um conhecimento universal sobre a totalidade do ser, um saber que contém em si tudo o que as ciências especiais podem acrescentar a partir dela como suas ramificações, que repousa sobre fundamentos últimos, e prossegue por toda parte de uma forma completamente evidente e autojustificativa e em plena consciência de si mesma. (GURWITSCH, 1956, p. 382).

A interpretação da filosofia na fenomenologia husserliana aparece tanto no texto geral da *Krisis*, quanto em outro momento de sua obra, como se pode ver em *Erste Philosophie*, curso do inverno de 1923 e 1924 publicado na husserliana VII e VIII. Tal curso *Filosofia primeira* desenvolve pela primeira vez os temas que aparecerão no texto *Krisis* de 1936, em sua primeira parte apresenta uma *História crítica das ideias* e já em sua primeira lição enfatiza o papel da Filosofia como filosofia primeira inspirada na metafísica de Aristóteles, e mais, Husserl pretende mostrar que a fenomenologia tem a mesma tarefa e sentido da filosofia primeira. Diz Husserl:

Por outro lado, estou convencido de que há um avanço da nova fenomenologia transcendental primeiro avanço já realizado de uma Filosofia primeira, verdadeira e genuína; mas por assim dizer apenas numa primeira aproximação ainda imperfeita.³ (HUSSERL, HUA VII, 1956, p. 6).

Interessante mencionar tais escritos para apontar o tema da crise e a ambição de husserliana por uma Filosofia como ciência fundadora de todas as ciências, que no caso é a

² Optou-se por acrescentar a tradução de autêntico para *wahrer* porque para Husserl o termo verdadeiro seria atribuído ao sentido fenomenológico de mundo, portanto ao conceito de mundo da vida (*Lebenswelt*). Na verdade o termo *objektiv wahren* aparece entre parênteses, o que poderia indicar uma verdade irônica já que verdade em Filosofia e em fenomenologia é um conceito carregado de tradição, ainda mais para Husserl que persegue o ideal filosófico da razão. Por isso, indica-se a possibilidade do autêntico, no sentido de um mundo mais válido, como se o mundo objetivo fosse mais autêntico que um mundo ‘ideal ou metafísico’, isso na leitura das ciências positivas que desvalorizam a Filosofia como um todo. O tema da metafísica é destacado por Husserl em *Krisis* com críticas, porém a ideia de uma ciência transcendental com sua idealidade permanece presente, contudo, a idealidade é nada mais que (*Sinn*), ou seja, sentido que Husserl faz aparecer como lógica do sentido das *Investigações Lógicas* de 1900 e que aqui toma a amplitude de uma ciência transcendental, a fenomenologia fundada no ego transcendental ou como ele diz no § 72 de *Krisis*: “auto-consciência transcendental”.

³ “Andererseits bin ich der Überzeugung, daß sich im Durchbruch der neuen transzendentalen Phänomenologie schon ein erster Durchbruch einer wahren und echten Ersten Philosophie vollzogen hat; aber sozusagen nur in einer ersten, noch unvollkommenen Approximation.”

própria fenomenologia. A crise das ciências está conectada à crise na filosofia, questão presente no cerne de toda filosofia de Husserl. Superar a crise da Filosofia e lhe designar um caráter científico e fundacional é a tarefa desde as *Investigações Lógicas*, como é possível averiguar quando ele diz: “Eis aqui uma esfera de descobertas *atingíveis* e fundamentais para a possibilidade de uma Filosofia científica⁴.” (HUSSERL, 2007, p. 37).

O intuito de sobrelevar a crise da filosofia como responsável pela crise da humanidade e das ciências não tem o objetivo de retirar a responsabilidade das ciências objetivas perante a crise ocidental, mas de assumir de certa forma, que o nascimento das ciências teve como princípio original a filosofia, logo a técnica é um desdobramento da filosofia. Em seu artigo *Culture and Utopia in the phenomenological perspective*, a autora Angela Ales Bello, ao discutir sobre o tema da crise e a responsabilidade da filosofia coloca importante questionamento ao afirmar: “[...] o risco idealista de conseguir uma identificação entre cultura e civilização em nome da filosofia [...]” (1976, p. 308). Contudo, tal preocupação sobre uma ideia idealista de Husserl ao interpretar a Filosofia como base da cultura ocidental, parece ser confundida pela comentadora como forma fechada e tradicional de ver a filosofia, o que não parece ser o propósito de Husserl ao mostrar os erros da filosofia e reforçar a responsabilidade da mesma diante da crise geral da humanidade.

O que Husserl quer dizer é que se tudo está como está, é porque a filosofia surge assumindo um papel, um sentido orientador e depois abandona esse sentido do seu próprio fazer e existir, afetando as outras ciências e a humanidade em geral, não só a civilização ocidental, mas o oriente também, este último por utilizar também o ideal de ciência ocidental. Pensar no idealismo defendido por Husserl como uma autoafirmação do sujeito ocidental como faz Bello, dentro de um contexto que o filósofo critica a própria filosofia e pretende reformula-la, parece um argumento falacioso.

Bello entra numa discussão na qual a fenomenologia como método pode ser tanto positivismo quanto idealismo: “Neste ponto a fenomenologia pode ser apresentada como metodologia, como positivismo ou como idealismo” (BELLO, 1976, p. 308) e na sequência ela completa: “Positivismo e idealismo, mesmo em sua diversidade, podem no extremo ser considerados coincidentes, em primeiro lugar pela mutilação de um aspecto da realidade [...]” (BELLO, 1976, p. 308). Contudo, é justamente aqui que Husserl faz o maior esforço para afastar qualquer “mutilação” da realidade por uma ciência ou cultura específica.

Aproximar positivismo e fenomenologia certamente é um despropósito mesmo que seja para criticar o idealismo que Husserl associa à Fenomenologia. Na verdade deve-se entender o que é o idealismo fenomenológico defendido por Husserl antes de enquadrá-lo como um erro da fenomenologia husserliana, ou pior, acreditar que o idealismo caracterizado por ele é resquício do pensamento moderno. O positivismo, ou melhor, o método das ciências positivas, tão criticado por Husserl na *Krisis* e em outras obras sobre o tema é a maior consequência da crise contemporânea, este tema também é tema das *Ideias I*, por exemplo, quando Husserl inclui as ciências positivas às chamadas ciências dos fatos.

O problema da crítica ao idealismo de Husserl é restringir o conceito de razão a uma leitura tradicional e ultrapassada de racionalismo, assim como faz Bello (1976, p. 308) quando diz ser o idealismo: “[...] uma justificação puramente racional [...]”. Ora, limitar a fenomenologia ao racionalismo é simplesmente desconsiderar a amplitude da filosofia fenomenológica, com suas instâncias de mundo, corpo, sentidos e intencionalidades. Não se trata de negar o conceito de

⁴ Na tradução de Pedro Alves aparece a versão A das *Investigações Lógicas* de 1900, antes da revisão de 1913, na qual a palavra no lugar de científica é teórica.

razão defendido por Husserl, mas de olhar o projeto fenomenológico de forma mais original, abrangente e influente.

Bello ainda fala do idealismo como a eliminação das experiências dos fatos, ela diz: “[...] igualmente e ambigualmente o idealismo fala da explanação racional que não é explanação do fato, mas a eliminação dele.” (BELLO, 1976, p. 308). O que contradiz o princípio husserliano da *epoché* que é a neutralidade para com os fatos, ou seja, não negar e nem afirmar, mas suspender o juízo. Em outra passagem do seu artigo ela admite sobre a *epoché*: “[...] outro aspecto de sua posição extremamente fértil.” (BELLO, 1976, p. 310) Este aspecto seria a neutralização, porém Bello reitera o caráter negativo da *epoché* ao dizer que *epoché* quer superar a atitude natural, acrítica e ingênua, é evidente que Husserl enfatiza o aspecto de superação da atitude natural da *epoché*, mas tal superação não significa diminuição do mundo dos fatos, significa antes uma liberdade de desvendar as estruturas ou sentidos dos fatos, ou fenômenos.

Ciências, *Lebenswelt* e intersubjetividade

Ao retornar ao problema da crise e a relação com as ciências necessita-se aclarar quais são as ciências de que Husserl fala, ele é bem enfático ao afirmar a crise das ciências em geral, das ciências positivas, ciências exatas (matemática e física), ciências concretas do espírito, e acaba por incluir também a psicologia como ciência que fundamenta as ciências do espírito. O questionamento acerca do papel das ciências já está em questão desde as *Investigações Lógicas* quando Husserl busca fundamentar a lógica da fenomenologia não sob argumentos psicologistas. Sobre a psicologia diz na *Krisis*:

[...] a questionabilidade de que a psicologia padece, não só nos nossos dias, mas desde há séculos – a crise que lhe é própria – tem um significado central para o aparecimento de incompreensibilidades enigmáticas e insolúveis nas ciências modernas, até mesmo das ciências matemáticas e, em ligação com isso, para o surgimento de um tipo de enigmas do mundo que eram estranhos às épocas anteriores. Todos eles remetem para o enigma da subjetividade e estão, assim, inseparavelmente relacionados com o enigma da temática e do método psicológicos. (HUSSERL, 2008, p. 21).

O projeto das ciências modernas está apoiado na concepção moderna de subjetividade, e por isso o destaque da psicologia, mas não só desta ciência, a própria filosofia moderna está fundada sobre um conceito de sujeito solipsista, cingido e racionalista. A subjetividade moderna enfrenta a duplicação do mundo, a distância com a realidade, a divisão entre razão e emoção, a divisão entre corpo e alma e a dificuldade de pensar o outro. Como exemplo do pensamento moderno Husserl analisa a filosofia cartesiana e conclui: “Ora, ele põe fora de circuito o corpo somático – juntamente com o mundo sensível em geral, também este é entregue à *epoché* – e assim se determina, para Descartes, o ego como *mens sive animus sive intellectus*”⁵ (HUSSERL, 2008, p. 94).

Mostra-se ser o problema das ciências uma crise incrustada nas entranhas da formação da humanidade ocidental, crise que perpassa todos os níveis de formação humana. Crise que Husserl diagnostica e luta por resolver bem antes do texto oficial da *Krisis*, mas que certamente, em tal texto ganha destaque ao que tange a possibilidade de uma resposta efetiva e praticável.

⁵ Mente ou alma ou intelecto.

Outros comentadores também concordam com a crise que atinge a filosofia e as ciências ter origem no ceticismo, positivismo e irracionalismo.

A filosofia de Husserl concebida já em 1906 como “uma crítica da razão”, “da razão lógica e da razão prática e avaliativa em geral” vinha se preocupando a décadas com os problemas filosóficos da vida prática, por exemplo, com a necessidade de posições sobre os valores, bem como com as incapacidades do positivismo e do historicismo, como formas de naturalismo e ceticismo e, portanto, como forças negativas e destrutivas em ciência e filosofia, para resolver (ou propor) problemas axiológicos. (HEFFERNAN, 2017, n./p.).

As ciências positivas ou ciências dos fatos carregam o ideal das ciências objetivas, o ideal de progresso, da técnica e da realidade objetiva, por isso, Husserl no final da *Krisis* dirá:

A fenomenologia liberta-nos do velho ideal objetivista do sistema científico, da forma teórica da ciência da matemática da natureza, e liberta-nos, nestes termos, da ideia de uma ontologia da mente que pudesse ser um *analogon* da física. (HUSSERL, 2008, p. 274).

Sabe-se que no limite a preocupação com desenvolvimento da ciência é uma preocupação com a própria filosofia. A crise das ciências é antes fundada na crise da filosofia. Diz Husserl:

Assim, a crise da filosofia significa a crise de todas as ciências modernas enquanto elas da universalidade filosófica, uma crise inicialmente latente, mas que emerge depois cada vez mais à luz do dia, crise da própria humanidade europeia em todo sentido da sua vida cultural, em toda a sua “existência”. (HUSSERL, 2008, p. 28).

A resposta à crise está concentrada no conceito de *Lebenswelt* ou mundo da vida, Husserl pretende mostrar que as ciências objetivas são apenas uma parte do mundo, ou seja, o conceito de mundo vai muito além do mundo apresentado pelas ciências objetivas e positivas, o mundo pensado fenomenologicamente é muito mais amplo e fundante. Husserl explica na *Krisis*: “O mundo da vida é um domínio de evidências originárias.” (HUSSERL, 2008, p. 142). A ideia do *Lebenswelt* ser originário significa que trás a tona a originariedade do campo eidético de sentido doador, um campo pré-científico.

Em outra passagem emblemática de *Krisis*, Husserl afirma a relação entre ciências e *Lebenswelt* ao dizer: “O saber do mundo científico-objetivo ‘funda-se’ na evidência do mundo da vida.” (HUSSERL, 2008, p. 145). A passagem fenomenológica do mundo objetivo ao mundo da vida requer a *epoché* transcendental, esta *epoché* significa uma suspensão do juízo de existência do mundo objetivo para dar liberdade ao mundo originário da *Lebenswelt*. No polêmico § 72 tem-se a retomada da ideia de mundo da vida após a aplicação do método da *epoché* como retomada ao âmbito do ego transcendental. Segundo Husserl:

No tempo que sou fenomenólogo puro ou transcendental, estou exclusivamente na autoconsciência transcendental, e sou o meu tema exclusivamente como ego transcendental, segundo tudo o que nisso está intencionalmente implicado. Nada há aqui de objetividade simplesmente, mas objetividade, coisas, mundo e ciências do mundo (incluindo todas as ciências positivas e filosofias) como fenômenos meus, como fenômenos do ego transcendental. (HUSSERL, 2008, p. 269).

As ciências positivas devem retornar ao campo originário de sentido, o campo pré-científico que designa um campo de conhecimento universal e primordial, capaz de dar fundamento ao mundo seja ele pensado objetivamente, ou em outros modos. Por isso a importância em marcar o contexto histórico da crise como distanciamento do mundo da vida. Logo: “Convém

também notar que, neste período, o filósofo tendia a acentuar que as ciências modernas perderam o significado para a humanidade, justamente por se terem distanciado do seu *Lebenswelt* (mundo da vida)” (ALMEIDA, 2015, p. 64).

Apesar do conceito de *Lebenswelt* fazer uma retomada ao ego transcendental, Husserl com certeza avança do ego transcendental criticado por ser uma subjetividade moderna, à vida intersubjetiva transcendental. Ele não pensa mais apenas como ego, mas como intersubjetividade como fica evidente na passagem:

“Todavia, a correlação transcendental entre o mundo, na vida transcendental constituinte da subjetividade, e o próprio mundo em constante delineamento e verificação como ideia-pólo na comunidade da vida da **intersubjetividade transcendental**, não é a correlação enigmática que decorre no próprio mundo. Na concreção da intersubjetividade transcendental, no seu vínculo universal da vida, reside o pólo e o sistema dos pólos singulares a que se chama mundo, incluído, como objetividade intencional, do mesmo modo como numa qualquer intenção se encontra incluída a sua objectualidade, como simplesmente inseparável de sua concreção relativa. (HUSSERL, 2008, p. 273, grifo nosso).

Para além das críticas, Husserl consegue apontar um conceito de ego que ultrapassa o solipsismo, ao invocar uma subjetividade comunitária, ou seja, uma subjetividade que ultrapassa os limites do ego e alcança os outros eus, a comunidade e em resumo, a humanidade como um todo. Segundo Husserl: “a humanidade é subjetividade” (HUSSERL, 2008, p. 273). Pode-se dizer de modo mais abrangente que humanidade é intersubjetividade, e que tudo está alicerçado no mundo da vida, mundo originário de sentido.

Renovação e existencialismo fenomenológico

Os cinco artigos sobre renovação, artigo para a revista *Kaizo* escrito por Husserl em 1923, apresentam já o tema da renovação da cultura e da filosofia a partir da renovação, ou seja, da reabilitação da filosofia como ciência universal e fundante. Diz ele nesses textos:

“Não destituídas de utilidade, antes de tudo, porque nos mostraram, sob a perspectiva metódica, que só um tipo de consideração, que se pode apresentar como consideração de essência, pode ser efetivamente frutuoso, e que apenas *ele* pode abrir o caminho para uma ciência racional não somente da humanidade em geral, mas também da sua ‘renovação’. Mas ao se tornar claro que uma renovação pertence ainda, por uma necessidade de essência, ao desenvolvimento do homem e da humanidade em direção a uma humanidade verdadeira, resulta que a fundamentação desta ciência seria o pressuposto necessário para uma efetiva renovação, e mesmo um primeiro começo da sua entrada em cena. (HUSSERL, 2014, p. 14).

A filosofia como ciência, ou seja, como fenomenologia, ciência das essências ou do sentido dos fenômenos renova a tarefa da filosofia em sua origem como ciência mãe, mas se as dicotomias herdadas pela modernidade, o que a transforma em: “[...] puras configurações de interesses técnicos intersubjetivos posto em comunidade [...]” (HUSSERL, 2014, p. 102). Assim, desde o texto da revista *Kaizo* o ideal de Filosofia como universal, abrangendo as instâncias do teórico e do prático. Ele menciona a questão da renovação da filosofia e a tentativa da modernidade de construir um método universal através da metafísica na modernidade. (HUSSERL, 2008, p. 25). Contudo, é no final da conferência *A crise da humanidade europeia e a Filosofia* que Husserl dá uma solução ao problema da crise:

A crise da existência europeia tem apenas duas saídas: a decadência da Europa no afastamento perante o seu próprio sentido racional de vida, a queda na fobia ao espírito e na barbárie, ou então o **renascimento** da Europa a partir do espírito da Filosofia, por meio de um heroísmo da razão que supere definitivamente o naturalismo. (HUSSERL, 2008, p. 349, grifo nosso).

A renovação (1923) ou renascimento da filosofia (1936) é o resultado para a crise das ciências, crise essa existencial, o que convoca a fenomenologia husserliana a responder à crise existencial da humanidade. Logo, quando ele diz que *epoché* é uma *transformação existencial* (HUSSERL, 2008, p. 152) e que a crise das ciências e da filosofia é uma crise existencial. Husserl avança ao plano do mundo da vida e mostra sua face 'mundana' ao contemplar um existencialismo fenomenológico como preocupação verdadeira da vida humana. Para deixar clara a intenção husserliana segue o trecho que fecha toda argumentação desse artigo.

Assim, a crise da filosofia significa a crise de todas as ciências modernas enquanto elas da universalidade filosófica, uma crise inicialmente latente, mas que emerge depois cada vez mais à luz do dia, crise da própria humanidade europeia em todo sentido da sua vida cultural, em toda sua 'existência'. (HUSSERL, 2008, p. 28).

Como seria plausível assumir um Husserl idealista, como se esse idealismo fosse simplesmente não se ocupar da existência e dos problemas históricos de seu tempo? Vê-se por aqui que Husserl vai muito além de um subjetivismo, ou de uma negação do mundo, ele é um filósofo existencialista, propositivo e criador de uma filosofia efetiva e verdadeira.

Conclusão

Como conclusão acredita-se que o artigo elenca questões fundamentais ao problema da crise na contemporaneidade através de Husserl, crise essa que se instaura com as ciências positivas, mas que tem como fundo a crise na própria da filosofia que repercute numa crise da humanidade, crise existencial, teórica e fundacional. A solução é renovar o ideal de uma filosofia afirmativa, através da releitura da filosofia grega e do ideal de razão, mas sem limitar-se ao racionalismo moderno. No fim, importa destacar que a filosofia, apesar do êxito e progresso aparente da ciência, ainda é necessária e se faz viva para pensar o mundo em sua universalidade.

Referências

- ALMEIDA, Rogério Miranda de; LETENSKI, Irineu. Husserl: a crise das ciências o esquecimento do *Lebenswelt*. *Dissertatio*, Pelotas, v. 42, 2015, p. 63-80.
- BELLO, Angela Ales. Culture and Utopia in the phenomenological perspective. *Em*: Tymieniecka, Anna Teresa. *Analecta Husserliana: The crisis of culture: steps to reopen the phenomenological investigation of man*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1976.
- BOEHM, Rudolf. Husserl and Nietzsche. *Em*: BOUBLIL, Élodie; DAIGLE, Christine. *Nietzsche and phenomenology: power, life, subjectivity*. Indiana: Indiana University Press, 2013.
- BOSSET, Philip J. A Common Misunderstanding Concerning Husserl's Crisis Text. *Philosophy and Phenomenological Research*. v. 35, n. 1, 1974, p. 20-33.

- FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- GURWITSCH, Aron. The Last Work of Edmund Husserl. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 16, 1956, p. 380–399.
- HEFFERNAN, George. The Concept of Krisis in Husserl's The Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology. *Springer*, 2017.
- HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. Uma introdução à filosofia fenomenológica*. Braga: Phainomenon e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008.
- HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie: Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie* (1936). *Husserliana* VI. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.
- HUSSERL, Edmund. *Erste Philosophie (1923-24)*. *Husserliana* VII. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1956.
- HUSSERL, Edmund. *Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo – a crise da humanidade europeia e a filosofia*. Trad. Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Segundo volume, parte 1: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Lisboa: Phainomenon, 2007.
- KRÍISIS. In: BAILLY, Anatole. *Abregé du Dictionnaire Grec-Français*. Paris, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. *L'êtr e le neant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.

Sobre a autora

Vanessa Furtado Fontana

Doutora em Filosofia, na área de Ontologia, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com período de estágio na Universidade de Lisboa/Portugal sob orientação do professor Dr. Pedro M. S. Alves. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Atua principalmente nos temas: Husserl, Sartre, filosofia moderna, filosofia contemporânea, fenomenologia e existencialismo.

Recebido em: 25/08/2022
Received in: 25/08/2022

Aprovado em: 29/09/2022
Approved in: 29/09/2022